

Missão do FMI adia chegada para aguardar equacionamento da crise

por Vera Saavedra Durão
do Rio

O cronograma traçado entre o governo brasileiro e os bancos credores para assinatura do acordo da dívida externa em janeiro próximo não sofreu, até agora, nenhum desvio de rota em decorrência da atual crise política, afirmou o negociador oficial da dívida externa, Pedro Malan. Ele revela, porém, em debate sobre a dívida, promovido pela Associação Nacional das Instituições de Mercado Aberto (Andima), que missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), aguardada na primeira semana de agosto, em Brasília, para discutir com a equipe econômica as metas do segundo semestre acertadas com o Fundo, adiou sua vinda até o equacionamento do problema político nacional.

Malan, em resposta ao ex-ministro João Sayad que lhe indagou sobre a importância do cumprimento do acordo com o FMI para o acerto final da dívida externa e sobre a influência da "crise política e moral" sobre as negociações com os bancos credores, consi-

derou que as metas com o FMI e, concomitantemente, o equacionamento das contas públicas dependem da solução "do problema que é do conhecimento de todos", referência à CPI que investiga as atividades de PC Farias. Quanto à influência da crise no acerto da dívida, com possível "rodízio do poder ou mudanças institucionais mais profundas", como destacou Sayad, Malan foi discreto, mas firme: "Minha percepção é de que, se tudo der errado, o acordo da dívida externa passará a ser questão secundária no contexto de um problema muito mais grave para o Brasil".

Discreto, Malan evitou falar sobre as notícias referentes à demissão do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira e sua permanência no cargo de negociador da dívida, caso a equipe econômica sofra alterações. "Sou grande amigo do ministro Marcílio e prefiro que nada disso aconteça. Não quero especular sobre estas coisas", assinalou. Mas não perdeu a oportunidade de defender seus companheiros do Ministério da Economia e o



Pedro Malan

próprio ministro, ao enfatizar que a problemática da inflação não pode ser resolvida "por um homem só, por uma equipe", pois "este é um problema de toda a sociedade. Não há um tiro só para resolver o problema, pois é preciso perseverança e acordo político para resolver nossa desordem de forma democrática e o governo voltar a ter credibilidade na gestão da coisa pública para baixar a inflação".

Se Pedro Malan não quis se pronunciar sobre a hipó-

tese de saída do ministro Marcílio, o vice-presidente do Unibanco, Thomaz Zinner, declarou que "o mercado não trabalha no curto prazo com o cenário de saída do ministro Marcílio. Ele é um bom avalista da política econômica", afirmou.

PRAGMATISMO

O vice-presidente do Citibank, Alcides de Souza Amaral, representante dos credores externos, afirmou ter uma visão pragmática sobre a crise política brasileira, no que se relaciona com o acordo da dívida. "Estamos esperando que a negociação seja aprovada pelo Senado, em setembro. O acordo foi feito com o governo brasileiro e é importante para o País a longo prazo", destacou Amaral. Entretanto, avaliou que, se por acaso o ministro da Economia deixar o governo, "sua saída terá reflexo negativo sobre a economia como um todo. Espero que isto não aconteça". Amaral informou que daqui a dez dias, o negociador da dívida externa brasileira estará em Nova York negociando os termos finais do acordo (term sheet).